

# OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRASIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO SALOMÃO SÁRAGGA  
7, rue du Centre, Paris

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI  
42, rua da Alalaya, Lisboa.

Vol I<sup>o</sup>.

PARIS, 31 DE JANEIRO DE 1878:

NUMERO 6.



Nasceu aos 20 de Março de 1820

VICTOR MANUEL II, REI DA ITALIA

Falleceu aos 9 de Janeiro de 1878



## SUMMARIO

## TEXTO

Correio de Paris . . . . .	Guilhermino de Sá.
Victor Manuel . . . . .	Mendes Leal.
Ruy Dias . . . . .	Bulhão Palo.
O Caminho do Dever . . . . .	
A Gaveta dos Segredos . . . . .	
William Shakespeare . . . . .	Guimar Torrezão.
O Aguaceiro . . . . .	
Paulo Janquard . . . . .	L. Méry.
Roma, Antiga e Moderna . . . . .	
A Defeza da Bandeira . . . . .	
Revista Bibliographica . . . . .	João Tedeschi.
Variedades . . . . .	

## GRAVURAS

Victor Manuel. — O Caminho do Dever. — A Gaveta dos Segredos. — O Aguaceiro. — Roma, Antiga e Moderna. — A Defeza da Bandeira.

## CORREIO DE PARIS

Emfim já lá vae. Passou o tal dia que nós chamamos de Anno-Bom. Aqui em França é possível que o anno venha a ser bom, mas o tal dia é terrível. A cada instante chegam cartas, bilhetes de visita, cumprimentos, saudações e parabens. É um cortejo sem fim á porta d'um pobre cidadão, que não sabe já, por ultimo, para onde se ha de voltar. Quando já se não pôde mais, tem uma pessoa então que resolver-se a tambem tomar parte no cortejo, e ir visitar, por seu turno, os amigos mais intimos e as pessoas de mais consideração. Aqui começam as difficuldades. A primeira a vencer é encontrar uma carruagem. A segunda é que o cocheiro consinta em que a gente se metta dentro d'ella. A terceira é que elle concorde em levar-nos aonde queremos. Se é longe, não ha supplicas nem ameaças que o demovam do seu proposito de não fazer andar o cavallo. O que lhe convem n'um dia d'estes, é um freguez para uma corrida muito perto, quando muito de dez minutos; depois, em lá chegando, tomar outro, e assim successivamente. Em qualquer outra occasião poder-se-hia recorrer á policia, mas n'este dia ella propria reconhece a sua inferioridade em lutar com elles. É um regabofe para uns e um tormento para outros. Á primeira vista, parece axiomático, que aonde ha *longes* ha *pertos*. É um engano. Em Paris não ha nada que fique perto. Tudo é longe. A unica resolução a tomar é a de se pactuar com o cocheiro e deixá-lo ir até aonde elle quizer. Ahi apeiar-se, tomar outra carruagem, e ir assim trabalhando até se acabar o dia. Talvez que o anno seja bom, mas que dia tão máo!

N'este paiz democrata festeja-se o *dia de Reis* como em nenhum outro. Todas as casas possuem um rei nomeado á sorte, a quem todos obedecem passivamente.

A mesa está adornada com os presentes do Natal e Anno-Bom; as laranjas elevam-se em pyramides rubras, reflectindo a luz do candieiro; os doces, os confeitos, as amendoas e os *bonbons* de todas as côres scintillam, formando mil arabescos, e alliciando a cobiça das crianças. Ao centro, um bôlo enorme, que se ha de dividir depois em partes iguaes por todos os convivas, contendo uma d'ellas a *fava* tradicional. A' cabeceira da mēza, presidindo ao banquete, está o patriarcha da familia, avô

dos pequenos e pae dos mais velhos. São todos parentes. Não haja receio que os estranhos os ridicularisem á despedida, ao descer a escada. Atinal chega o momento. Reparte-se o bôlo. Quem tem a fava? Todos olham uns para os outros. Por fim descobre-se aquelle a quem ella caíu. E todos riem e todos folgam. Muitos abraços, muitos beijos, muitas ternuras, muita alegria, muita festa, e alli, ao som d'aquella vozeria e do estampido das garrafas de *Champagne* é proclamado rei o feliz da sorte. *El-rei bebe! Viva o rei!*... No meio d'aquella grita *el-rei* ordena ao patriarcha da familia, ao avô octogennario, que cante a modinha que cantou no dia do casamento, ha cincoenta annos. O velho obedece. E então, empunhando o copo com uma das mãos, e levantando a outra emphaticamente, entôa a velha canção dos seus tempos, que vae ecoar pelos cantos d'aquella aposento, pouco accostumado a taes cantigas. Ao som dos applausos, o pobre velho chora de alegria. Bravo! bravo! *Viva o rei!* e todos se abraçam e todos se beijam outra vez entre mil gritos jubilosos. É este o momento psychologico, escolhido pelo mais pequeno da familia, para ir limpar as mãosinhas, lambuzadas d'aquelle mixto singular formado pela laranja e pelos doces, á saia do vestido de seda mais claro que encontra. Ninguém dá por isso no meio d'aquella alegria. E ao despedirem-se, muitos adeuses, e até amanhã, e até domingo sem falta. Assim finda aquella festa, que nada tem de *high-life*, mas que nem por isso deixa de ser a que mais une os laços das familias burguezas de França.

Com o dia de Reis desapareceram as duas fileiras de barracas, que, havia trez semanas, estavam estabelecidas nos passeios dos *boulevards*. Intitula-se esta feira, a feira do Anno-Bom (*du jour de l'an*). Houve este anno 1150 barracas, vendendo uma grande variedade de objectos, mas principalmente os chamados *artigos de Paris*. A nomenclatura do *artigo de Paris* é infinda. Nunca ninguem a conheceu. Duas vidas não seriam bastantes para a escrever. Compõe-se de objectos de enfeite, ornamento, vestuario, e não sei que mais. Assim, relógios são *artigos de Paris*. Botões para calças são *artigos de Paris*. Jardineiras para pôr flores, tambem. Molduras para quadros, tambem. Colchetes, tambem. Uma exposição completa de *artigos de Paris*, se coubesse nas forças humanas fazê-la, appresentaria um espectáculo quasi tão variado como o da orthographia portugueza.

Estamos no mez em que mui raros estrangeiros saem de Paris. Quem está, fica. Não posso perceber que amor se possa ter a uma temperatura d'estas. Não ha remedio senão a gente mover-se. Para isso é preciso sair á rua. Que horror! Ha pedregulhos de gêlo, por essas valetas, que mettem medo. Malditos, e ha quem goste d'isto. Dizem que faz bem á saude, que enrija a fibra. Importa-me bem com o que elles dizem. Que opiniões se pôde ter com um frio d'estes que *gêla as convicções no fundo d'alma*? Chega-se a descrever que haja calor no universo. Vejam lá se os missionarios vão tanto para os paizes frios, como para os paizes quentes. Por modo nenhum. Quem haviam elles de converter com uma temperatura de 20 grãos abaixo de zero? pois se com 4 grãos a agua tor-

na-se em pedras, o que não ha de succeder aos corações. Ah! meu rico Portugal. Com que saudades me lembro eu da aula de *Chrorographia Portugueza*. Perguntava-me o professor: Quaes são as cidades da provincia do Algarve? e eu respondia: Faro, Lagos, Tavira e Silves. Se me perguntassem agora não empregaria a *copulativa* e, empregaria a *disjunctiva* ou para corresponder á minha idéa fixa. Assim, diria: Faro, Lagos, Tavira ou Silves: Qualquer d'ellas me convinha para habitar no inverno. Não são terras, em que um homem, só por atravessar a rua, pareça um padeiro coberto de farinha, como acontece aqui com os lindos effeitos da neve que cae em flocos. E queixam-se ainda de que os francezes são indifferentes em materia de religião! Podéra.

Parece que ao casamento do rei de Hespana foi gente das quatro partes do mundo. No meio d'aquellas festas, toiradas, illuminações, recitas de gala e torneios, só uma coisa era difficil: encontrar-se aonde dormir. Madrid tem quatro centos mil habitantes quando não ha casamento real; mas quando ha um acontecimento d'estes affluem os estrangeiros e os *forasteros*, o que dá em resultado não haver camas para tanta gente. As que havia nos hoteis fôram vendidas por dez vezes o seu pezo d'ouro. Os donos das hospedarias de Madrid, n'esta conjuntura excederam-se a si e a tudo quanto estava escripto a este respeito nos annaes das *fondas*. Paris, na época da exposição, ficará a mil léguas de distancia, no que respeita a façanhas d'esta ordem. Os malvados aproveitaram a occasião do enlace de duas innocentes creanças para appresentarem aos pobres viajantes umas contas taes, que hão de ser consideradas para toda a eternidade como verdadeiros monumentos da iniquidade humana.

Os mortos illustres avisam-nos que nos preparemos se quizermos deixar o nome que elles deixaram. Ai de nós! Está por ventura na nossa mão o fazermos o que elles fizeram? Basta querer para se ser illustre? É celebre quem o quer ser? Decerto que não.

Courbet, o grande pintor, morreu novo ainda. Não era um artista na accepção rigorosa da palavra, mas deixa uns poucos de quadros em que revelou um grande talento de pintor. Morreu no exilio por se ter mettido em assumptos de que não entendia nada. Resolveu demolir a columna da praça Vendôme, porque, alem de outras razões, não era artistica. Pois tambem ella não estava alli como objecto d'arte. Estava por outros motivos. Esses motivos subsistem. Um dia, quando as nações não forem inimigas umas das outras, se o tempo a não tiver derrubado ainda, alguém a fará cair para não mais se levantar; mas por ora é cedo. Antes que isso succeda, a posteridade terá esquecido que foi elle o demolidor da columna, para só se lembrar dos quadros que produziu aquelle homem de talento.

Do General Cousin de Montauban, Conde de Palikao, conta a historia coisas, que parecem lendas. Ha o que quer que é de legendario naquella façanha heroica da tomada do palacio do Estio na China. É necessario não se entrar nas minucias, para se entender bem como aquillo foi. Para se apreciar devidamente aquelles feitos, é melhor encaral-os de longe, bem englobados, assim como uma poeira luminosa



que se avista a grande distancia. Tracta-se de meia duzia de homens, que, tomaram de assalto o imperio mais populoso da terra, deitaram fogo ao melhor palacio que por lá havia, e voltaram á patria cobertos de gloria e de outras coisas mais.

Outro morto illustre foi o celebre Raspail. Era um esforçado lidador no campo da sciencia e da politica. Fiel aos seus principios, por elles soffreu, e por elles passou uma parte da vidas nas prisões. Os seus adversarios politicos não vêem no adversario o sabio eminente, o chimico illustre, que consummou a vida trabalhando para ser util á humanidade.

Este exemplo e outros semelhantes não nos devem entristecer nem alegrar. São apenas a melhor lição para nos convencer de que devemos tomar a vida a sério. O homem não nasceu para ser feliz. O unico lenitivo que pôde minorar-lhe as dôres com que é lanceado na batalha da vida, só o pôde encontrar na satisfação de ter cumprido o seu dever, ou na de ter consolado os que vivem mais afflictos do que elle.

No termo da carreira, ainda nenhum poudé dizer que foi feliz. Mas as idéas que os mais illustres nos legaram, authorizam-nos a dizer: Bemaventurados aquelles que ao inclinarem pela ultima vez a cabeça no travesseiro, ainda aspiram ao ideal que lhes servio de norte durante a vida.

GUILHERMINO DE SÁ.

## VICTOR MANUEL

Na plenitude do vigor e apenas na madurez dos annos, o Rei Victor Manuel desceu inopinadamente á terra. Paz á sua alma!

A sensação dolorosa e profunda que a triste nova difundiu por toda a Europa, a espontaneidade das manifestações que rodearam o seu féretro, attestam a valia em que era tido e sam-lhe a melhor oração funebre.

Não nos é dado traçar mais do que uma singella e rapida commemoração. Não cabe aqui a narrativa e apreciação dos feitos de tal vida. As paixões e interesses, que em torno se lhe agitaram, salvas raras excepções, emmudeceram naturalmente á beira do seu tumulto. Das sombras d'elle se levantará a aurora da historia, alvôr de justiça para todos.

Por enquanto, só ha olhos para contemplar esse vulto subitamente prostrado, que o mundo saúda, e a quem a Italia chama grande!

É o vulto de um rei e de um homem. Naquella face guerreira scintillou um olhar penetrante; n'aquelle peito robusto bateu um coração magnanimo. Ali a austera rigidez militar abrigava a sagacidade d'um espirito subtil e previdente.

Vê-se bem como era de uma alta stirpe de capitães, igualmente affecto aos rudes embates das armas e dos homens, affeição áquellas e conhecedor d'estes, soldado infatigavel, duro para si, observador perseverante e fino, facil em discernir, prompto em resolver.

Quando a morte se lhe aproximou, não o surpreendeu. Encarou-a como quem tanto se habituára a vê-la e affronta-la ao clarão da metralha.

Entra essa nobre serenidade nas tradições do sangue de Moriana, dez vezes secular. Não

succumbem d'outro modo, em qualquer fortuna, os herdeiros de Humberto o Esforçado e de Manuel Philisberto o Victorioso. Diga-o o invicto Porto, que presenciou a agonia e resignação de Carlos Alberto, o campeão desditoso, o espontaneo refugiado!

Descendente de uma longa serie de principes christãos e cavalleiros, o Rei Victor Manuel expirou como cavalleiro e christão, impavido e conforme. E para nada lhe faltar, sobre Elle desceu das alturas do Vaticano a suprema benção do Augusto Ancião, que a magestade da thiara e a dos annos cingem de dupla aureola sobrepondo-o a todas as fragilidades das portias humanas.

MENDES LEAL.

## RUY DIAS

— 1510 —

Affonso d'Albuquerque, depois de haver feito esforços sobrehumanos para se conservar em Góá, viu-se, finalmente, compellido a abandonar a cidade e a invernar no rio. A maioria de fidalgos, cavalleiros e capitães não tinham olhado com bons olhos para aquella empreza de Góá, porque não podiam alcançar os horisontes que Albuquerque descreminava com a sua vista d'aguia. Os rigores do inverno, a sede, a fome começavam a abalar os animos mais rijos e as murmurações contra o governador principiavam a crescer já com certo desassombro. Uma circumstancia veio ainda indispor e incitar mais os espiritos. As mulheres e filhas dos moiros, que Affonso d'Albuquerque havia mandado matar antes de largar a cidade — por mão do Timoja, tinham sido mettidas por este nas naus onde estiveram occultas algum tempo. O governador, quando soube do facto, teve um dos seus impetos de colera, impetos que faziam empallidecer os mais valentes. Segundo a expressão do chronista, seu secretario, com quem rompeu em maiores excessos foi com os clérigos. Esses deviam saber das relações dos christãos com aquellas moiras « *que confessavam os homens que morriam, como lh'o non diziam a elle.* » N'este ponto, Affonso d'Albuquerque declarava-se sigilista puro. Frei Domingos de Souza, capellão da sua nau, observava mansamente, que não sabia de christão que se tornasse moiro por bem querer a moira; mas sim de moiras convertidas por causa de christãos.

O governador mandou buscar todas as casadas e donzellas em numero de cento e tantas, *das mais formosas e honradas*, para as recolher na pópa da sua nau. Cresceu a indignação contra o governador e não faltou impudente que se atrevesse a dar como pouco virtuosas as suas intenções. Certo numero de homens do povo e do mar haviam-se affeiçãoado a algumas d'aquellas mulheres a ponto de se casarem com ellas. Esses homens vieram ter com Affonso d'Albuquerque, allegando que legitimamente lhe pertenciam e pedindo que lh'as devolvesse. Folgou o governador com isto, porque o seu grande espirito media o alcance que no futuro podiam ter aquellas allianças. Mas como tinha de jurar sobre a palavra dos interessados, para maior segurança ordenou que alli — diante d'elle — se tornassem a casar. Frei Domingos de Souza dizia que não era aquillo segundo mandamento da igreja. Affonso d'Albuquerque replicava: « É logo — segundo mandamento d'Affonso d'Albuquerque.

que. » O padre, apesar dos canones, obedecia.

Um eunucho que ministrava a comida ás moiras e que estava com ellas, avisou Albuquerque que de noite entravam na pópa da nau alguns homens que elle não conhecia. O governador renovou de vigilancia, fazendo constar que seria rigorosamente punido aquelle que transgredisse as suas ordens. Os fidalgos e cavalleiros — sabendo das disposições em que estava Albuquerque — desistiram, com salutar prudencia, das entrevistas nocturnas. Um d'elles, porém, chamado Ruy Dias, moço de porte gentil, bemquisto dos seus camaradas e bravo como todos os seus companheiros, ou porque fôsse mais audaz, ou porque de facto estivesse enamorado d'alguma das captivas, não largou mão da sua fatal empreza. Alta noite atirava-se a nado de bordo da sua nau e vinha até á pópa da nau do governador trepando pelo leme, e ajudado por mão feminina, entrava na varanda onde estavam as mulheres. Uma noite, Ruy Dias foi visto e reconhecido pelos vigias. Affonso d'Albuquerque ordenou a Pero d'Alpoim, ouvidor, e a Lourenço de Paiva, secretario, que tirassem devassa muito em secreto. O facto foi averiguado com toda a verdade. Era Ruy Dias o culpado. Affonso d'Albuquerque ordenou em seguida a Fernão de Lis, meirinho, que fôsse á nau *Flôr da Rosa*, com oito homens da guarda e que enforcasse immediatamente Ruy Dias. Albuquerque estava no chapiteu do seu navio para observar como as suas ordens eram cumpridas. Quando o meirinho entrou, Ruy Dias estava na tolda jogando as tavolas com o capitão Jorge Fogaça, sem ter a mais remota idéa que era aquella a hora da sua morte e morte tão affrontosa.

Fernão de Lis lançou mão d'elle dizendo: « Estai preso da parte d'el-rei! » e por um Cafre seu peão lhe atou um palanco ao pescoço mandando-o guindar e enforçar. N'este lance, Jorge Fogaça deu um salto, deitando mão de uma espada nua para cortar a corda e bradando, fóra de si, a Bernaldim Freire, que estava surto perto da sua nau, que lhe acudisse, que alli enforcavam ao seu Ruy Dias. Bernaldim Freire, com Simão d'Andrade, Fernão Peres seu irmão, e Francisco de Sá saíram logo de lança e adarga no seu esquife, correndo as naus e clamando aos outros capitães, quasi todos predispostos contra Albuquerque, para que acudissem a prohibir aquelle attentado, de se garrotar como um cão, um cavalleiro honrado e valente como Ruy Dias. O momento era gravissimo. Quasi todos os capitães, fidalgos e cavalleiros estavam indignados contra o governador cuja contumacia os obrigara a passar terriveis privações durante a invernã, arrebatando-lhes depois as captivas e mandando agora enforçar como a um villão, sem ouvir o seu conselho d'elles, um cavalleiro illustre e sympathico para todos.

Em tal conflicto se Affonso d'Albuquerque vacilla um instante estava perdido. Albuquerque saltou no seu batel, atracou á *Flôr da Rosa*, prendeu Jorge Fogaça, e o *terribil*, como na propriedade de seus epithetos lhe chama Camões, rugindo como um leão, arvorou bandeira na quadra — ao que accudiram obedientes e aterrados os principaes da rebellião. O governador mandou-os pôr a ferros debaixo da coberta. Aquelles homens tão destemidos, que tinham affrontado a morte mil vezes, cegos de furor havia pouco, pareciam mansos como cordeiros, diante da sanha homérica do seu grande capitão!





O CAMINHO DO DEVER

QUADRO DE MERLE



pegava na primeira que lhe vinha á mão, mostrava-a e mettia-a debaixo da porta; era assim que acabava as sentinellas amatorias.

\* \*

Deixámo-lo aniquilado, pallido, abatido, em cima d'um banco, ao lado da velha que acaba de lhe dar a noticia fatal da prisão da senhora Arnaud. Logo que voltou a si, começou a chorar, e depois, batendo na testa, exclamou: — oh! meu Deus, talvez que as tenham agarrado a todas! Levanta-se como doido, uma força sobrenatural galvanisa-lhe o corpo tão debil, dirige-se para o tribunal com a cabeça perdida, o coração a arrebentar, os cabellos arrepiados, sem pensar em quanto era arriscado, para elle e para ellas, o passo que ia dar. As cinco mais amadas, desenhavam-se-lhe na imaginação com as caras desfeitas em lagrimas, infamadas já pelo contacto do carcereiro, e devendo sê-lo em breve pelo do carrasco; chega, já sem poder comsigo, ao tribunal e começa a bater argoladas na porta.

Brutus, n'uma só noite, tinha feito uma grande pesca; as dez namoradas de Paulo Janquard, sobresaltadas durante o somno, tinham sido agarradas e arrastadas á prisão, no meio de quatro soldados. Pela manhã, o juiz do tribunal revolucionario, que tinha dado ordem para as reunirem todas na mesma sala, foi ter com ellas. Ellas ficaram com medo ao vêrem o modo sinistro por que as examinava aquelle olhar de hyena.

— Então, cidadãs, perguntou elle, com uma voz desabrida e afflautada, em que empregavam o tempo?

Uma d'ellas respondeu:

— Cidadão, no arranjo das nossas casas.

— E a chegarem á janella, quando assobiavam na rua, continuou Brutus, zombando estupidamente.

As dez mulheres que tinham quasi a mesma idade (a mais velha poderia ter trinta annos e a mais nova dezeseite) olharam umas para as outras espantadas.

A mais corajosa de todas, a senhora Arnaud, jovem viuva de vinte e seis annos, disse:

— Que mal pôde haver em chegar á janella, tomar ar tambem é ser conspirador?

— Tenho, proseguio Brutus, com um modo que lhe parecia a elle solemne, informações acerca de cada uma das senhoras; sei muito bem que são realistas e que juraram que se haviam de casar, quando a republica fôr abaixo. Hei de casar-as mas ha de ser cá a meu modo.

As palavras sinistras de Brutus pareceu-lhes que encerravam uma sentença de morte. Trémulas sob a impressão d'aquella ironia atroz que as penetrava como um sopro gelado, apertavam-se umas contra as outras por um movimento instinctivo de conservação. Brutus dilatava alegremente as ventas e arregalava os olhos. O monstro divertia-se immenso!

— Ora pois, cidadãs, compadeço-me da vossa sorte, disse elle. Se acharem um marido immediatamente dou-lhes a liberdade e perdoo-lhes. Ha de ser assim: as que indicarem já um cidadão que queira desposar-as hoje mesmo, sairão d'aqui para irem ao conselho municipal, e de lá para suas casas. Á medida que fôrem dizendo um nome, mandarei chamar a pessoa; se acceita a proposta, tem liberdade completa;

se recusar, terá o julgamento esta noite, e a morte amanhã. Cada uma vae escrever um nome n'um pedaço de papel, que me ha de ser entregue, bem dobrado, para eu ler em voz alta.

Brutus distribuiu dez pedaços de papel. Cada uma d'ellas escreveu um nome.

Brutus desdobrou o primeiro, e disse:

— Paulo Janquard, negociante.

Desdobra o segundo, e diz:

— Paulo Janquard, negociante.

Lêo oito vezes mais o mesmo nome.

Imaginem, se fôrem capazes, o pasmo d'aquellas dez mulheres!

N'aquelle mesmo instante, entra um carcereiro, e diz a Brutus, que um homem quasi doido fazia uma bulha infernal á porta da prisão, e que pedia com uma voz abafada que lh'a abrissem. Brutus ordenou que o trouxessem á sua presença.

Esse homem chega esbaforido á sala onde estavam as dez mulheres, entra e fica com os braços levantados.

— Paulo Janquard, gritaram todas ao mesmo tempo!

— Ah! é este o ditoso Paulo Janquard, diz, com uma certa alegria, o horrendo Brutus.

— Isto é uma horrivel mystificação, exclama Paulo Janquard, pallido como um morto, ao reconhecer as suas dez namoradas!

A arrebatada viuva Arnaud vae-se ao Janquard e diz-lhe:

— Tambem andava a assobiar aqui a estas senhoras?

Uma gargalhada universal, á qual Brutus ajuntou uma especie de miadura alegre, festejou a phrase da senhora Arnaud.

— Cidadãs, disse Brutus, Paulo Janquard não pôde casar-se com todas perante o conselho municipal. A lei oppõe-se a isso; mas a lei só prohibe a polygamia dos vivos; quanto á dos cadaveres.... não sei se me entendem.

Ninguém mais se tornou a rir!

Paulo, ajuntando as poucas forças que lhe restavam, ameaça com o punho cerrado Brutus, e diz-lhe: miseravel, tambem queres beber o nosso sangue!

— Concedi-te oito dias de vida, cidadão, hei de cumprir a minha palavra, respondeu-lhe Brutus com um modo desembaraçado. Vás agora com aquelle homem (e mostrava-lhe o esqualido carcereiro de cabellos ruivos) para aquella sala que fica ao lado d'esta; d'alli poderás assobiar aos pintarrôxos; poupo-te sete horas de trabalho por dia e nem assim me agradeces?

Paulo estava suffocado pela colera. Não se atrevia a olhar para aquellas dez mulheres consternadas; estava com febre quando se deitou sobre o pobre catre que lhe deram para cama.

Durou-lhe aquelle delirio dois dias. Depois de uma noite horrorosa, acalmou-se um pouco; assobios ironicos retiniam-lhe aos ouvidos; ouvia vozes de mulheres, cantando e gritando alegres; por fim percebeu estas palavras:

— Eu cá, se elle escapar, caso com elle.

E aquillo era dito no quarto proximo, que ficava separado do d'elle apenas por um tabique.

O carcereiro entrou; Paulo sentando-se na cama, disse-lhe com uma voz muita fraca: quantos são hoje do mez?

— Estamos a dezeseis do thermidor.

— Está bom, disse Paulo, é hoje o dia em que hei de morrer.

— Não morres, cidadão, nem hoje nem amanhã, disse o carcereiro.

Senhor Paulo Janquard, gritou do outro quarto uma voz de mulher, como está? Sou eu, Lucia Arnaud, que lhe estou a fallar. O senhor está livre!

— Que sonho é este, diz Paulo!

— No pateo gritavam: Viva a Republica! Morreu Robespierre! Abaixo Brutus!

Ouvio um grande ruido de chaves dando voltas nas fechaduras. As dez mulheres entraram no quarto de Paulo, que julgava que o sonho continuava.

— Ande lá, senhor Paulo, disseram ellas, levante-se, está livre, e tenha mais juizo.

Lucia Arnaud ajudou-o a sentar-se melhor na cama. Então Paulo, com os olhos rasos de lagrimas, disse-lhes:

— Durante trez mezes fôram os meus anjos! Quer (voltando-se para Lucia) quer ser o meu anjo da guarda durante a minha vida?

— Mas o seu unico anjo da guarda; não tem bastante com um só?

— Agora sim, que já não quero morrer.

D'ahi a dois mezes, Paulo Janquard, robusto e corado, casava com Lucia Arnaud, que não julgou conveniente convidar para a boda nenhuma das suas rivaes; tinha medo da excessiva sensibilidade do esposo.

L. MÉRY

## ROMA — ANTIGA E MODERNA

Temos alli um d'esses contrastes tão frequentes na Moderna Roma — contrastes entre o passado e o presente, entre o mundo velho e o novo, entre o Arco de Constantino, e aquella horrenda e ruidosa invenção d'estes ultimos tempos, — uma machina de tracção acarretando pedras para um edificio moderno. Para se fazer aquelle Arco não foi preciso empregar-se o vapor, e hoje com todos os recursos modernos, não somos capazes de produzir um monumento tão formoso. Poderemos, por ventura, comparar o Arco de Wellington de Hyde Park de Londres, o Brandenburger Thor de Berlim, ou mesmo o Arco de Triumpho de Paris, áquella obra antiga?

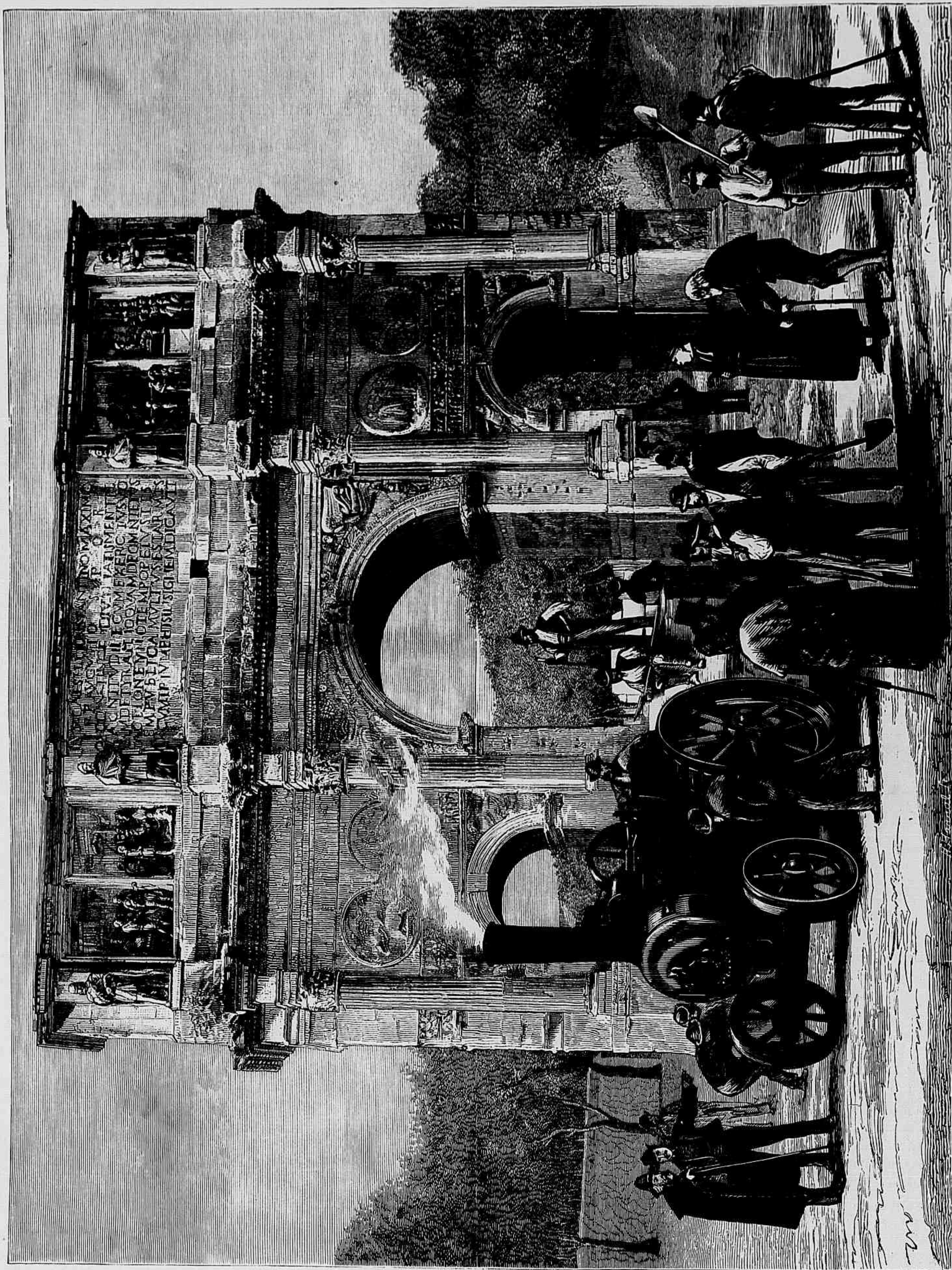
O Arco de Constantino está na *Via Triumphalis* que vae do Coliseu á Via Appia. — Foi feito para comemorar a victoria de Constantino contra Maxentius, e é um dos mais imponentes monumentos da *Cidade Eterna*, comquanto recorde o principio da decadencia da arte antiga, por ser composto de fragmentos tirados de um dos Arcos de Trajano, provavelmente do que ficava perto do Templo de Marte.

## A DEFEZA DA BANDEIRA

Este quadro é uma composição alludindo á actual guerra do Oriente. Como estamos na esperanza de que quando publicarmos o proximo numero, já se tenha feito a paz entre a Russia e a Turquia, por isso o escolhemos para rematar a serie das gravuras da Guerra do Oriente.

Um Russo e um Turco disputam a posse da bandeira que está por terra debaixo dos pés do Russo. Servem





ROMA, — ANTIGA E MODERNA — UMA MACHINA DE TRACCAO PASSANDO DEBAIXO DO ARCO DE CONSTANTINO.





A DEFEZA DA BANDEIRA  
QUADRO ALLUDINDO Á GUERRA DO ORIENTE



de pedestal a esta allusão, os mortos, os feridos, os estro-  
piados e os engenhos de destruição. O espectáculo é  
pouco animador ainda que verdadeiro. Desde que o  
homem foi homem sempre se deram d'aquellas scenas.  
E provavelmente, enquanto os metaes fôrem mallea-  
veis, a agua liquida, a madeira combustivel e o mundo  
fôr mundo, hão de se repetir sempre.

## REVISTA BIBLIOGRAPHICA

### CONFERENCIAS CELEBRADAS NA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

TERCEIRA CONFERENCIA. *Ultramar. Theorias na  
metropole, practicas na Africa*, pelo socio effectivo JOSÉ  
MARIA DA PONTE E HORTA.

O distincto engenheiro e professor da Escola Poly-  
technica foi governador de algumas das nossas impor-  
tantes possessões ultramarinas. Como quem vio de  
perto, estudou e se compenetrôu das necessidades da-  
quelles territorios em que nós arvorámos o nosso  
dominio, tracta o Sr. Horta da questão colonial. É  
uma leitura a recomendar a todos os que se dirigem  
para a Africa portugueza, com o encargo de quaesquer  
funções officiaes. O futuro desenvolvimento e prospe-  
ridade das nossas colonias de alem-mar depende prin-  
cipalmente da intelligencia com que se estudar e  
practicar a colonisação segundo as varias condições de  
clima, producção, povoadores, e relações politico-  
commerciaes com a metropole.

*Herculano e Michelet*, poemeto por JAYME VICTOR.

A poesia a Alexandre Herculano foi recitada pelo  
actor Brazão no theatro de D. Maria 2ª, na noite de 4  
de dezembro.

O author imprimio conjunctamente uma poesia de-  
dicada a Michelet.

São dois poemetos inspirados de paixão democratica,  
tendo bellas e vigorosas estrophes, mas em que se não  
encontra qualquer nota poetica verdadeiramente nova.

O poeta parece seguir as pizadas de Guerra Junquei-  
ro, o que dá aos seus versos o tom opaco do imitador.  
Se nos é licito emittir um conselho, desejariamos que  
elle se desprendesse de qualquer convenção, e seguisse  
sempre a sua propria tendencia. Devemos porém dizer  
que a poesia a Michelet nos pareceu superior á poesia  
dedicada á memoria de Herculano.

*Rumores vulcanicos* por TEIXEIRA BASTOS.

É um volume de poesias dividido em trez livros,  
cujos titulos são: *Eccos Philosophicos*, *Lavas da Revo-  
lução* e *Auras do Porvir*.

Mal tivemos ainda tempo de relancear os olhos por  
este volume, de percorrer rapidamente algumas poe-  
sias, e ficámos julgando que este livro tinha um  
extraordinario merecimento. Este livro é a estreia litte-  
raria do seu author, mas é uma brillantissima estreia.  
Tem o calor entusiasta da mocidade e ao mesmo  
tempo conhece-se que o pensamento do jovem poeta  
está já bastante amadurecido. Lendo-se as primeiras  
poesias figura-se-nos que encontramos um descendente  
de Lucrecio, e que o author pertence litterariamente á  
familia do grande poeta latino. Uma grande, profunda  
e philosophica comprehensão da natureza!

As duas partes restantes do livro não nos desmere-  
cem o primitivo conceito; mas ha nellas menos origi-  
nalidade. Muitas dellas pertencem francamente á esco-  
la da moderna poesia reformadora, e ha nellas muitas  
semelhanças e pontos de contacto com outros poetas.

Algumas poesias recordam-nos vivamente as *Odes  
modernas* do illustre escriptor, o Sr. Anthero de Quen-  
tal e vê-se-lhe quasi directamente a filiação. Certa-  
mente tomar por mestre e modelo o distincto  
pensador, que marca uma era na transformação da  
nossa litteratura, não é um defeito que a critica possa  
avultar, mas em todas as obras de arte, conhece-se  
melhor o valor do artista ou do escriptor quando ar-  
tista ou escriptor é *elle mesmo*, e quando a sua indi-  
vidualidade se afirma de uma maneira distincta.

Parece-nos não nos illudirmos afirmando que o li-  
vro do Sr. Teixeira Bastos é uma obra que ha de ficar  
na nossa litteratura, e que nos veio revelar um talen-  
to tão notavel quanto modesto.

JOÃO TEDESCHI.

## VARIEDADES

A média das cartas que se expedem por dia, no  
mundo inteiro, é de 4,320,000 ou 180,000 por hora.

ESTATISTICA DO CORREIO DE FRANÇA. — Eis o nu-  
mero dos objectos que fôram confiados ao Correio de  
de Paris e da França durante o anno findo. Deve notar-  
se que nos quinze dias que precedem e nos quinze  
que começam o anno novo, o numero de cartas e  
bilhetes de visita expedidos equivalem á quarta parte  
da somma total.

Só em Paris :

Cartas . . . . .	84,557,000
Objectos franqueados . . . . .	9,934,000
Jornaes, amostras . . . . .	202,227,000
Objectos registados . . . . .	1,560,000
Vales . . . . .	811,000

Em toda a França :

Cartas . . . . .	360,725,000
Objectos franqueados . . . . .	56,584,000
Jornaes, amostras . . . . .	375,914,000
Objectos registados . . . . .	6,811,000
Vales . . . . .	5,983,000

O expediente do correio de Paris é mais importante  
do que o da Belgica e Suissa reunidos.

Segundo o relatorio publicado pela sociedade que  
vende carne de cavallo, ha actualmente em Paris 61  
açougues d'aquella carne, os quaes, em 1877, ven-  
deram 10.719 cavallos, burros e mulas, pezando liqui-  
do 1.969.490 kilos de carne. Em 1876, o numero d'es-  
tes animaes foi de 9.271.

O numero de exemplares de jornaes impressos e ven-  
didos na Allemanha sobe a dois mil e trezentos mi-  
lhões por anno. Em 1875, o numero de exemplares  
de jornaes estrangeiros, entrados e distribuidos na  
Allemanha foi de quatorze milhões.

Extrahimos du *Bureau-Veritas* de 1877-1878 alguns  
algarismos sobre o estado actual da marinha mercante  
das diversas nações.

O numero de navios de véla sobe a 51.912, medindo

14.799.130 toneladas; e o dos vapores a 5.771, medin-  
do 5.507.690 toneladas.

De 1872 para cá, os navios de véla diminuíram de  
56.527 que eram ao numero actual; mas a tonelagem,  
não obstante augmentou de 230.000 toneladas pouco  
mais ou menos. Por outro lado, a marinha a vapor  
augmentou o numero dos seus barcos de 4.335 a 5.471,  
e a sua tonelagem, de 3.680.660 a 5.507.690.

A Inglaterra conserva a sua preponderancia mariti-  
ma. Possui 17.765 navios de véla, medindo 5.526.930  
toneladas, e 3.103 vapores, medindo 3.283.916 ton-  
neladas isto é dois terços da marinha mercante do  
globo.

Os Estados-Unidos são a segunda potencia maritima,  
mas não teem mais do que 542 vapores.

UMA GRANDE PARTIDA DE XADREZ. — OITO PAR-  
TIDAS SEM VER. — No dia 10 de fevereiro proximo  
haverá em Paris uma partida de Xadrez, jogada pelo  
Sr. Rosenthal contra oito parceiros. São oito partidas  
jogadas ao mesmo tempo, de costas voltadas, sem ver  
os taboleiros. Os adversarios não são uns parceiros  
quaesquer. São quasi todos jogadores de primeira or-  
dem.

Morphy foi o primeiro jogador que, ha vinte annos,  
executou um tal prodigio. Desde então nunca mais se  
vio semelhante coisa em Paris. Um tal esforço de me-  
moria deixa a peder de vista o exemplo de Cesar dic-  
tando varias cartas ao mesmo tempo. A unica coisa de  
que se póde receiar n'um caso d'estes, é que o sujeito  
cuja intelligencia seja submettida a uma prova tão  
difficil, não caia ferido por uma congestão cerebral.  
Mas o Sr. Rosenthal está preparado ha já muito tem-  
po para este grande combate, e já se tem exercitado  
com exito n'este jogo em varias sallas particulares.

Começou-se a empregar a electricidade nos Esta-  
dos-Unidos para se accender os lampiões das ruas.  
Em Rhode-Island, accendêram-se 220 bicos de gaz,  
n'uma extensão de dez kilometros, em quinze segun-  
dos. Basta um homem para todo este trabalho.

A mãe de um pequeno que se fartava de fazer dia-  
bruras, manda-o para um quarto escuro, de castigo.  
Durante uma hora o pequeno fez um tal berreiro na  
prisão para onde o mandaram, que parecia que ia tudo  
abaixo. Afinal callou-se. A mãe vae ter com elle e per-  
gunta-lhe :

— Então, já te callaste, já estás cansado de chorar?

— Nada não, mamã. Tenho estado a descansar.

E começou a berrar outra vez, com mais força ain-  
da.

Dois amigos debaixo da arcada do Terreiro do Paço,  
em Lisboa :

— Já, jantaste?

— Já porque?

— Porque quero convidar-te a vires tomar café co-  
migo.

— Não posso, porque tenho que ir para a repartição  
d'aqui a uma hora. Temos serão esta noite.

— Pois por isso, tens tempo. Anda, vamos lá.

— Nada, não vou. Se tomo café, depois não posso  
dormir na repartição.

Propriétaire-Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — J. QUANTIN et C<sup>e</sup>, rue St-Benoit. [92]

Papier de maison Firmin-Didot et C<sup>e</sup>.



PUBLICAÇÕES RECENTES

O LYRISMO BRAZILEIRO

Por JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

1 Volume. . . . . 500 réis fortes

A FOME NO CEARÁ

Poesia de GUERRA JUNQUEIRO

Preço. . . . . 100 réis fortes.

Á MORTE

DE

ALEXANDRE HERCULANO

Poesia de GOMES LEAL

Preço. . . . . 100 réis fortes.

Á venda na empresa HORAS ROMANTICAS, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

DICCIONARIO

DE

GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR

UMA SOCIEDADE DE HOMENS DE SCIENCIA

Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores auctores portuguezes, brasileiros, francezes, inglezes e allemães, e de accordo com as ultimas publicações, geographicas e estatisticas dos differentes paizes;

COMPREHENDENDO TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES  
INDISPENSÁVEIS COM RELAÇÃO AO COMMERCIO, ÀS  
ARTES E INDUSTRIAS FABRIS

Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a

PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS  
E BRAZIL

Acham-se publicados 42 fasciculos d'este dictionnario **unico da especialidade em Portugal** e que tão lisongeiramente tem sido recebido por toda a imprensa e por todas as pessoas que prezam o bom nome e gloria do nosso paiz. Pela importancia que esta obra já hoje tem, apenas no seu começo, póde-se dizer, sem receio de exagero, que virá a ser considerada pelos competentes como

**O primeiro dictionario geographico universal do nosso seculo.**

PORTUGAL. — Cada fasciculo de 16 paginas com a competente capa, 100 réis fortes (franco de porte.)

Para o estrangeiro e ultramar accresce o porte do correio.

Continuam a receber-se assignaturas na Empresa Horas Romanticas. — Rua da Atalaya 42. — Lisboa.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO

E RECREIO

Premios para as creanças

CONTOS INFANTIS

Cada conto forma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas.

Estão publicados e vendem-se em todas as livrarias, os seguintes :

- Nº 1. CHÁ DE D. BICHANA, (ed. esgotada). Preço 120 réis.
- Nº 2. JANTAR DOS TÓTÓS, (ed. esgotada). Preço 120 réis.
- Nº 3. PINTARROXO, (ed. esgotada). Preço 120 réis.
- Nº 4. OS TREZ URSOS, folheto em 4º grande. Preço 400 réis.
- Nº 5. O CÃO PALHAÇO. Preço 120 réis.
- Nº 6. HISTORIA DE JOÃO DE GATINHAS. Preço 120 réis.
- Nº 7. ANSELMO, o RUIM. Preço 200 réis.
- Nº 8. HISTORIA DO BARBA AZUL. Preço 200 réis.
- Nº 9. O MENINO E OS GIGANTES. Preço 120 réis.
- Nº 10. ALADDIM OU A LAMPADA MARVILHOSA. Preço 150 réis.
- Nº 11. AVENTURAS DE UM ANÃO. Preço 120 réis.
- Nº 12. ALLI-BABA. Preço 150 réis.

Á VENDA NA EMPRESA

HORAS ROMANTICAS

Rua da Atalaya, 42, Lisboa



# GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

## Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciar a pelle.—Pós de CYPRIIS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabelo e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRAT e Agua de CHYPRE para o toucador.

### PAPEL RIGOLLOT

ou  
MOSTARDA EM FOLHAS PARA  
SINAPISMO

**Medalha de Prata**  
Havre, 1868

**MEDALHA DE OURO**

Lyon, 1872

**MEDALHA DE PRATA**

Paris, 1872

**Diploma Honorifico**

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875

Adoptado pelos hospitaes de Paris, pelas

Ambulancias e hospitaes militares,

Pela marinha nacional fran-

ceza e pela marinha real

Ingleza, etc., etc.

« Conservar á mostarda todas as suas pro-  
priedades obter em poucos instantes com a  
menor quantidade de medicamento possível  
um effeito decisivo, eis os problemas resol-  
vidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz  
resultado. » (A.) Bouchardat, *Annua-*  
*rio de Therapeutica*, 1868.

#### AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos freguezes  
que se acautelem contra o papel que se lhes  
apresentar como podendo substituir o papel  
Rigollot para sinapismos. O nosso papel  
é o unico adoptado pelos hospitaes  
civis, e militares, a bordo dos navios do Estado.  
E alem disto o unico premiado nas exposi-  
ções universaes tendo obtido varias  
medalhas de prata e uma de ouro e  
recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver  
affirma de Rigollot deve ser recusado como  
falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas  
por uma tira de papel amarello, que traz a  
firma do inventor.

Exija-se esta firma. — F. Rigollot.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24.

Paris.

Depositos: No Rio de Janeiro, Dupon-

chelle, em Pernambuco, Mauresse e C<sup>ia</sup>.

### FERRO BRAVAIS

(FERRO DIALYSADO BRAVAIS)

Ferro liquido em gótas concentradas

UNICO

ISENTO DE ACIDO

Sem cheiro nem sabor.

« Com este ferro dizem  
todas as summidades me-  
dicas da França e da Eu-  
ropa, nem diarrheas, nem  
cansaço de estomago; alem  
d'estas vantagens, tem a  
de não ennegrecer os  
dentes. »



UNICO ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAES

3 medalhas nas Exposições, cura radicalmente

ANEMIA, CHLOROSE, DEBILIDADE, ESFALFAMENTO,

NEURALGIAS, FRAQUESA DAS CRIANÇAS, ETC.

É o mais economico dos ferruginos, pois um

frasco dura mais d'um mez.

R. BRAVAIS et C<sup>ia</sup>, 13, rue Lafayette, Paris

E EM QUASI TODAS AS PHARMACIAS

### MANUFACTURA

DE

### PRODUCTOS CHIMICOS

PRUDON & C<sup>ia</sup>

Fornecedores da Imprensa Nacional, do Banco de  
França e dos principaes jornaes de Paris

IVRY-PARIS

(gare prolongée)

### TINTA PRETA E DE OUTRAS CORES

Para impressões typographicas e lytho-  
graphicas ordinarias e de luxo.

### MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES

Lyon 1872 — Paris 1872. — Vienna 1873.  
Paris 1875.

## CATAPLASMA LELIÈVRE INSTANTANEA

APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

Adoptada pelo Ministerio da Guerra,

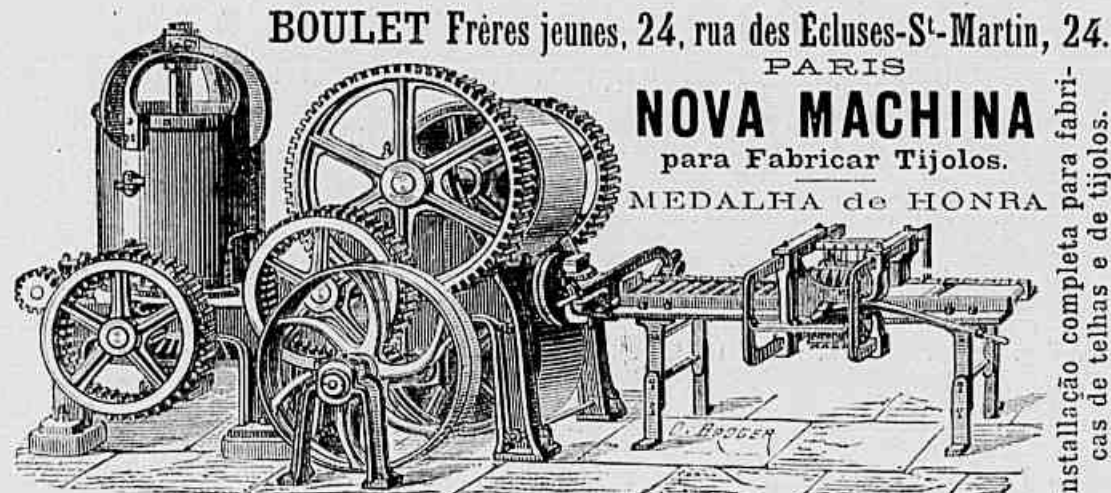
pelas Ambulancias e Hospitaes e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada.

PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emolliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego,  
não exigindo pannos nem compressas.

#### VENDA POR ATACADO:

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho: em todas as Pharmacias.



Expedição franco de Catalogos illustrados a quem os pedir por carta franqueada.

BOULET Frères jeunes, 24, rue des Ecluses-St-Martin, 24.

PARIS

### NOVA MACHINA

para Fabricar Tijolos.

MEDALHA de HONRA

Instalação completa para fabri-  
cas de telhas e de tijolos.

## ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

KAROE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado á Academia de Medicina de Paris e privi-  
legiado em 1840. Recommendado ha mais de meio  
seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como  
um especifico infallivel contra:

### GOTTA E RHEUMATISMOS

Alivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.

EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO

DEPOSITO GERAL: Paris, 4, rue de l'Échiquier.



## VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPAVEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó  
d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para  
dar á pelle a frescura e o avelludado  
da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.  
4 — — — sem borla.

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

**Ch. Fay**

9, RUA DE LA PAIX, 9  
Paris



MEDALHA DE PRATA

Exposição Internacional de Paris 1875.

### TRATAMENTO CURATIVO

### PHTISICA PULMONAR

Em todos as grãos e em geral de todas as doenças do Peito e da Garganta

POR MEIO DO

## SILPHIUM CYRENAÏCUM

Experimentado pelo Dr LAVAL e adoptado nos Hospitaes de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR DERODE & DEFFÈS, PHARMACEUTICOS DE 1<sup>a</sup> CLASSE

Paris — 2, rue Drouot, 2, — Paris.

○ Silphium administra se em Granulos, Tintura e em Pó.

Em Rio-Janeiro: Ruffier-Martel et C<sup>ia</sup>. — Em Bahia: Lima Irmaos e C<sup>ia</sup>. — En Pernambuco: Bartolomeo e C<sup>ia</sup>.



## AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

## TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz  
não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as  
tinturas d'este genero. Da ao cabelo uma cor natural, destroe a caspa e conserva  
o caseo n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas  
tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da  
assignatura do Doutor A. Holtz.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

## CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14